

35º Encontro Anual da Anpocs
GT06 - Desigualdade e estratificação social

**HISTÓRIAS DE FAMÍLIAS: MUDANÇAS E CONTINUIDADES NA
CONSTRUÇÃO DE TRAJETÓRIAS JUVENIS**

Adriana Carnielli de Lima Peternella

HISTÓRIAS DE FAMÍLIAS: MUDANÇAS E CONTINUIDADES NA CONSTRUÇÃO DE TRAJETÓRIAS JUVENIS

Adriana Carnielli de Lima Peternella¹

Resumo: Quais os efeitos das experiências familiares de educação e trabalho, sobre a construção de trajetórias dos jovens? O objetivo deste artigo é apresentar as mudanças – especialmente na área de educação – e permanências – principalmente no campo do trabalho – ocorridas entre as gerações no interior de um grupo de famílias populares moradoras do distrito de Barão Geraldo, Campinas-SP. Como método foram realizadas entrevistas com nove adolescentes e seus pais, em dois momentos: 2004/2005 e 2009/2010, indagando sobre suas experiências de trabalho e educação. Notou-se mudanças com relação a escolarização dos jovens, tendo estes mais anos de estudo que seus pais; e certa permanência com relação ao trabalho, ou seja, estes jovens já desempenhavam atividades laborais semelhantes a de seus pais. *Palavras-chave:* Trabalho e Educação, Trajetórias, Juventude

Introdução

A proposta de estudar a desigualdade e estratificação social em termos de geração implica questionar os processos dinâmicos de transmissão de recursos materiais e/ ou simbólicos a fim de garantir aos mais jovens acesso a produção considerada correta dentro de uma dada sociedade. Nas sociedades capitalistas contemporâneas, focar a dimensão educativa dessa transmissão corresponde problematizar as continuidades e mudanças das percepções e comportamentos que norteiam os investimentos das famílias relativos ao futuro dos filhos, como por exemplo, a opção por estudar e a decisão de adiar ou antecipar a entrada no mercado de trabalho.

Esse *paper* busca contribuir para essa discussão apresentando os resultados de uma pesquisa que analisou as mudanças e permanências com relação à educação e ao trabalho ocorridas entre as gerações no interior de um grupo de famílias populares moradoras de Barão Geraldo, Campinas-SP.

¹ Mestre em Educação (UNICAMP) e professora da rede pública municipal de Campinas.
E-mail: adrianaarnielli@gmail.com

Transmissão de recursos materiais e simbólicos: dimensão educativa

A trajetória social é constituída a partir da história de vida dos indivíduos e de suas experiências. Além disso, conta com as vivências e trajetórias de pessoas próximas que contribuem para a formação de opiniões, tomadas de decisões e na projeção de possíveis futuros.

Na sociedade parental, a relação construída entre pais e filhos faz parte do processo de construção formativa dos indivíduos. Nesse processo as práticas educativas implementadas pelas famílias têm importante papel no processo de constituição formativa de suas crianças.

Considerando as práticas educativas familiares como “(...) ações contínuas e habituais, realizadas pelos membros mais velhos da família, nas trocas intersubjetivas, com o sentido de possibilitar a construção e apropriação de saberes, práticas e hábitos sociais pelos mais jovens, trazendo, em seu interior, uma compreensão e uma proposta de ser-no-mundo com o outro” (SZYMANSKI, 2001, p. 87), temos elementos que nos possibilitam a visualização da maneira como os membros jovens dessas famílias são socializados.

Bourdieu (1998), sobre os processos de formação e transmissão do *habitus* familiar, afirma que o *habitus* não é formado necessariamente no sentido que se imaginaria, dadas as condições objetivas, e nem seria transmitido aos filhos de maneira automática. Para Lahire (1995) é fundamental estudar a dinâmica interna de cada família, apropriando-se das relações de interdependência social e afetiva entre seus membros, para então compreender o grau e modo como os recursos disponíveis (os diversos capitais e o *habitus* familiar) são ou não transmitidos aos filhos.

Diante disso, pode-se afirmar que a socialização é um processo relacional, elaborado reflexivamente em meio a trocas intersubjetivas, situado social e historicamente, com uma orientação valorativa e afetiva, referindo-se à experiência individual ou coletiva de ser si-mesmo ou de pertencer a um grupo social e com uma possibilidade de transformação ao longo da existência (COHEN, 1995; GIDDENS, 1991; BRUNER, 1997).

Nesta perspectiva, a questão da transmissão educacional de recursos simbólicos entre os membros de um grupo familiar torna-se fundamental para a compreensão da reprodução ou transformação das condições de trabalho e educação existentes na sociedade brasileira. Para tanto, resta saber: o trabalho infantil e a baixa escolarização tende a um ciclo geracional?

Pesquisa de campo e Metodologia

Os dados² utilizados neste *paper* foram retirados de uma pesquisa³ de caráter longitudinal e inter-geracional feita com um grupo de adolescentes e suas famílias, o que possibilitou acompanhar o fenômeno das mudanças e permanências em processo, e rastrear seus determinantes histórico-sociais-culturais.

O método longitudinal permitiu visualizar a dinâmica e as mudanças dos indivíduos de cada família na relação tempo e espaço. Já o método geracional possibilitou compreender as diferentes realidades e a “(...) necessidade de cada geração transmitir aos seus sucessores aquilo que considera fundamental para a preservação e continuidade da sua herança” (TOMIZAKI, 2010).

O conceito de geração utilizado neste *paper* corresponde principalmente à definição dada por Mannheim (1928). De acordo com o autor, “o fenômeno social “geração” nada mais representa do que um tipo particular de identidade de situação de “grupos de idade” mergulhados num processo histórico social” (p.137).

Ao todo foram realizadas entrevistas com nove famílias moradoras dos bairros localizados no distrito de Barão Geraldo na cidade de Campinas/SP, nos períodos compreendidos entre 2005 e 2006 (primeira rodada de entrevistas) e entre 2009 e 2010 (segunda rodada de entrevistas).

As entrevistas com os adolescentes foram estruturadas em torno de quatro temas principais: (i) a história da família; (ii) a condição econômica das

² Todos os nomes utilizados são fictícios.

³ LIMA, Adriana Carnielli de. **Histórias de famílias, histórias de trabalho**: socialização e transmissão intergeracional, 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

famílias; (iii) as suas práticas cotidianas (o que fazem, como brincam, se ajudam em casa, se manipulam dinheiro e em que condições, se trabalham em troca de algum tipo de remuneração, mesmo que esporadicamente e o que pensam sobre isso e como relacionam o “trabalho” à “escola”); e (iv) as “experiências de trabalho” (se já trabalharam, como definem trabalhar, distinção entre “bom” e “mau” trabalho, etc.).

As entrevistas com os pais ou responsáveis pelos adolescentes foram estruturadas em torno de dois momentos principais: (i) o passado (sua história de vida); e (ii) o presente (momento atual). A partir destes dois temas foi-lhes perguntado sobre (i) a família, (ii) a infância, (iii) o estudo, (iv) o trabalho (se trabalham, se já trabalharam, como definem “trabalhar”, distinção entre “bom” e “mau” trabalho, etc.), (v) suas práticas cotidianas (o que fazem, se ajudam em casa com as tarefas domésticas, como gastam o dinheiro e em que condições, etc.) e sobre (vi) os filhos (se ajudam em casa, se acompanham seus estudos, suas expectativas para o futuro deles, etc.).

As entrevistas foram realizadas com intuito de suscitar relatos autobiográficos, a fim de reconstruir a história dessas famílias a partir de suas experiências de socialização. Essa metodologia permitiu abordar tanto aspectos subjetivos das famílias quanto os efeitos que as estruturas objetivas exercem sobre a formação educacional e o campo de ação dos indivíduos.

Educação e Trabalho: investimentos

Quais os investimentos que as famílias fazem para prolongarem o tempo de estudo e retardarem a entrada de seus adolescentes no mundo do trabalho? O investimento tanto em educação quanto no trabalho pressupõe algumas percepções e estratégias de propulsão ou de manutenção da mobilidade sócio-econômica. De um lado, tem-se o investimento na educação o que significa um maior tempo de sacrifícios financeiros e conseqüentemente de satisfação tardia no universo do consumo; de outro, o investimento em um trabalho pode significar uma aproximação dos sonhos de consumo e entrada no mundo adulto/autônomo, porém com o possível retardamento dos estudos.

Nesse sentido, a influência que a família e os amigos exercem sobre o indivíduo podem ajudar a responder a questão: Filhos de pais com baixa ou nenhuma escolaridade tem menos chance de estudar?

O valor social-econômico dos estudos e o futuro profissional

Na concretização de formas coletivas de convivência democrática, a educação escolar oferecida em instituições próprias de ensino torna-se um importante instrumento de socialização dos indivíduos. A instituição escolar é caracterizada por propiciar tanto a transmissão do acúmulo de conhecimentos por meio do desenvolvimento de capacidades cognoscitivas quanto a transmissão de normas, valores e atitudes relativos à vida social, desempenhando funções significativas para a vida social dos indivíduos.

A educação escolar exerce grande poder na sociedade estando fortemente associada à ascensão sócio-econômica dos indivíduos. A idéia de que a educação é a principal ferramenta para se conseguir um bom emprego e melhorar as condições econômicas de vida está difundida em toda a sociedade. De acordo com Pastore & Silva (2000),

A educação é o mais importante determinante das trajetórias sociais futuras dos brasileiros, importância que vem crescendo ao longo do tempo (p. 40).

Percebeu-se nas entrevistas realizadas com os pais dos adolescentes um forte vínculo entre o estudo e o trabalho. A escola valorizada nos termos de qualificação para o futuro profissional representa um caminho de abertura percebida por grande parte dos pais e adolescentes. Segundo Bourdieu (1983),

(...) atualmente, nas classes populares, tanto entre os adultos quanto entre os adolescentes, está se dando a descoberta, que ainda não encontrou sua linguagem, do fato de que o sistema escola é um veículo de privilégios (p. 117).

A importância dada pelos pais aos estudos dos filhos foi marcante nas entrevistas. Todos os casos apresentaram a valorização dos estudos como uma

maneira de alcançar um futuro “melhor”, diferente da realidade vivida por eles no passado e presente.

(...) Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito. (BOURDIEU, 1998, p. 41 - 42)

Todos os pais também se utilizaram da própria experiência e história de vida, muitas vezes desvalorizando-a, para justificar suas respostas com relação (i) ao que pensam sobre a importância dos estudos na vida de uma pessoa; (ii) às suas expectativas com relação ao futuro de seus filhos. A seguir, alguns trechos das entrevistas mostram a importância dada pelos pais aos estudos:

Eu brigo muito. Eu brigo e falo que é a única coisa que eles [filhos] fazem, que eles não fazem mais nada além de estudar. Pergunto sobre o que esperam da vida. Ser motorista de rodoviária? É isso que vocês vão querer? [Risos]. Ou vocês estão querendo puxar a carroça no lugar do cavalo? [Risos] (Marlene, 41 anos, doméstica, mãe de João Paulo).

O estudo é o principal de tudo, porque se você não estudar, não terá um bom serviço. Você vai arrumar um serviço “pesado”? Mas se tiver um bom estudo você vai arrumar um bom serviço. Por isso o Tiago tem que estudar. Em primeiro lugar é o estudo, depois vai conseguir um bom serviço. Eu sempre falo pra ele [Tiago], “você tem que estudar pra ter um futuro na vida! Do contrário, vai ficar igual a mim, lavando e limpando a casa dos outros ou igual ao seu padrasto, pegando no pesado” (Nilza, 39 anos, doméstica, esposa de Sebastião, mãe de Tiago).

Pra mim, o estudo é quase tudo na vida, porque se você não tem estudo, você não tem possibilidade de arrumar um bom emprego. Hoje em dia tudo depende de você ter estudo. Tudo depende de você ter uma boa qualificação escolar, porque tudo hoje está tudo informatizado e se não sabe isso, vai ter que trabalhar de pedreiro mesmo, como eu. (Sebastião, 36 anos, pedreiro, marido de Nilza, padrasto de Tiago).

Praticamente todos os pais entrevistados pensam o futuro dos filhos distante do próprio futuro, ou seja, percebe-se uma tendência à desqualificação das atividades que exercem, muitas vezes relacionando isso à falta de estudos.

De acordo com Bourdieu (1998), “as atitudes dos membros das diferentes classes sociais, pais ou crianças e, muito particularmente, as atitudes a respeito da escola, da cultura escolar e do futuro oferecido pelos estudos são, em grande parte, a expressão do sistema de valores implícitos ou explícitos que eles devem à sua posição social” (p. 46).

Observou-se nas falas dos pais e responsáveis pelos adolescentes a idéia de aproximação dessa geração à uma formação profissional que lhes parece sinalizar uma real possibilidade de realização dentro de outros mundos e profissões que não a de seus pais. “E a condição fundamental para isso é o estudo: *não ter estudo* equivale nesse sentido a *não ter escolha*, ou seja, encontrar-se na contingência de ter que se submeter a qualquer tipo de serviço que apareça, via de regra, os mais pesados para quem *não tem estudo*” (LINHARES, 2004, p. 333).

Desse modo, os planos e sonhos são vividos com o sentimento de esperança e crença em um futuro o mais distante possível do que percebem do presente e do que ouvem de seus pais a respeito das enormes dificuldades vividas no passado e no presente deles. A visão dos pais sobre o futuro profissional dos filhos está fundada na educação. Estes adolescentes sabem que para alcançar estes sonhos é preciso muito estudo. Assim, segundo Bourdieu (1983), “a escola, sempre se esquece disto, não é simplesmente um lugar onde se aprende as coisas, saberes, técnicas, etc.: é também uma instituição que concede títulos, isto é, diretos, e, ao mesmo tempo, confere aspirações” (p. 115).

A história familiar é o ponto de partida para a constituição dos conceitos que os jovens tem de si mesmos, assim como para a compreensão das suas aptidões. As escolhas vivenciadas se dão a partir de modelos familiares, que também acabam influenciando no juízo de valores do sujeito acerca das profissões, tanto positiva quanto negativamente. Além disso, a opinião dos amigos/pares aparece também em opiniões relativas às profissões escolhidas (SANTOS, 2005).

Notou-se nas entrevistas que as percepções que os adolescentes constroem sobre escola, trabalho e futuro estão intimamente ligados ao que pensam seus pais. “As mesmas condições objetivas que definem as atitudes dos pais e dominam as escolhas importantes da carreira escolar regem também a atitude das crianças diante dessas mesmas escolhas e, conseqüentemente, toda sua atitude com relação à escola” (BOURDIEU, 1998, p. 47). A seguir, as falas dos adolescentes descrevem as idéias de seus pais com relação à educação.

Porque é o começo de tudo. Primeiro o estudo, porque estudando, você vai ter um bom currículo para entregar e com um currículo bom conseqüentemente você vai ter um bom emprego. Com um bom emprego, você vai ter um bom salário e com um bom salário você vai poder pagar uma casa, poder comprar uma casa, uma coisa legal para a sua família (Fábio, 16 anos, filho de Dalva e Nilton, segunda entrevista)

A: O que você acha dos estudos na vida de uma pessoa?

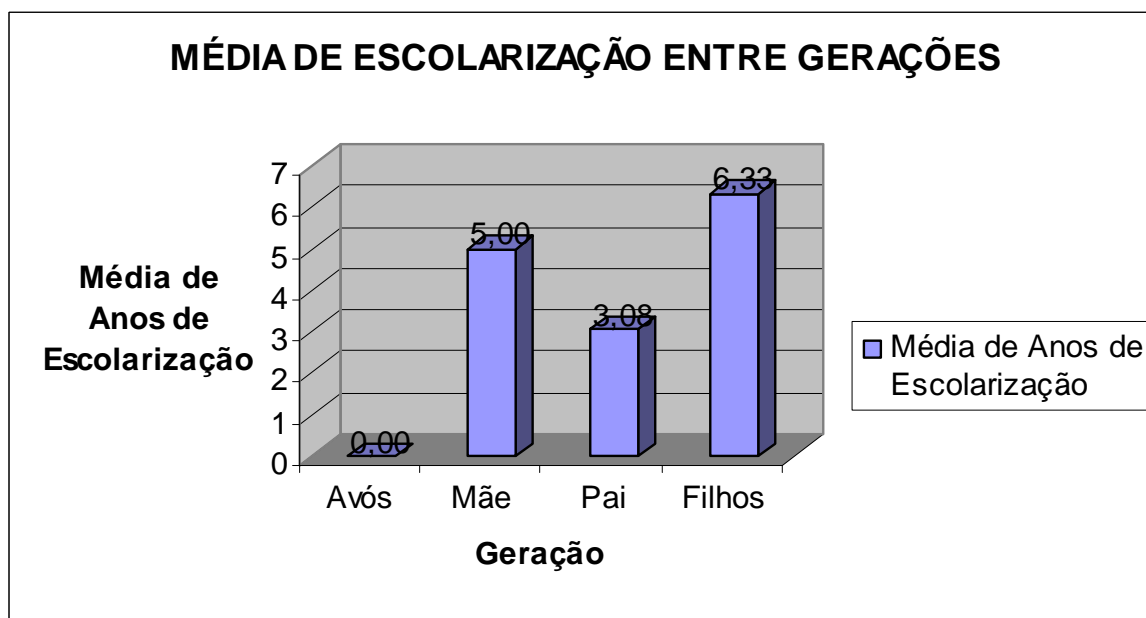
T: Muito importante e bom para o futuro.

A: Por quê?

T: Porque com os estudos, você tem tudo, como trabalho, por exemplo. (Tiago, 16 anos, filho de Nilza e enteado Sebastião, segunda entrevista).

A maioria dos pais entrevistados veio de famílias analfabetas, ou com muito pouco estudo. Entretanto, os pais dos adolescentes tinham no mínimo a 2ª série do Ensino Fundamental e no máximo o Ensino Médio completo com o curso Técnico em Magistério. Assim, o que se percebe nessa pesquisa foi um aumento na escolaridade destas famílias entre as gerações (Tabela). Com isso pode-se responder a uma das perguntas apresentadas neste *paper*: Filhos de pais com baixa ou nenhuma escolaridade tem menos chance de estudar? Observou-se que, filhos de pais com baixa ou nenhuma escolaridade possuem mais chance de estudar, comparando com a geração anterior, devido à preocupação e difícil experiência dos pais com relação aos estudos, emprego e qualidade de vida, o que não significa que seus adolescentes aproveitarão essa oportunidade para completar todos os anos de estudo.

O quadro a seguir, “Média de escolarização entre gerações”, apresenta a média de escolarização das famílias entrevistadas, mostrando que os filhos possuem maior escolarização que seus pais.



Em que pese a bibliografia sugerir a influência e associação da educação dos pais e a renda familiar, no sentido de prolongamento geracional da pobreza e baixo nível de escolaridade, estes fatores não ocorrem necessariamente desta forma, ou seja, filhos de pais com baixa renda e escolaridade não necessariamente terão pouca formação escolar. Porém, a probabilidade de só estudar depende de outros fatores tais como o número de crianças na família e o gênero, por exemplo, ser homem e ter muitas crianças em casa reduz esta probabilidade.

A obrigação sobre a qual recai hoje a maior cobrança em cima dos adolescentes, em grande parte dos casos, é com relação ao estudo. A proporção em que essas cobranças são distribuídas, entre o estudo e a ajuda em casa, varia de uma família para outra, mas de um modo geral há a tendência de um maior peso e valorização sobre o desempenho e a dedicação das crianças, desde pequenas (a partir dos sete anos), às tarefas escolares. Como em Linhares (2004), em grande parte dos casos observa-se uma “suavização” das cobranças e, sobretudo uma maior “flexibilidade” em relação à distribuição

das atribuições e obrigações de cada um na casa. A fala abaixo representa bem isso:

Quando está na hora da Vanessa ir para a aula, e tem alguma coisa para fazer, eu nunca deixo, “você vai estudar porque tem que fazer, porque você não terminou” [os estudos]. A primeira responsabilidade dela é estudar. É a única coisa que ela tem que fazer. E eu nem preciso pegar no pé para ela estudar. Ela é muito estudiosa. Sempre ela tem alguma coisa pra fazer, ou é estudar pra uma prova, ou fazer um trabalho [da escola]. Então, a responsabilidade dela por enquanto é a escola, mas ajudar em casa também precisa (Cleusa, 47 anos, esposa de Adoniram e mãe de Vanessa).

Desta forma, segundo Linhares (2004),

Entre as escolhas, possíveis ou virtuais, a profissional representa uma das mais importantes, e se relaciona aos investimentos feitos para uma escolarização, o mais continuada possível, das crianças. A casa, enquanto coletivo familiar sai assim do centro das prioridades cotidianas do grupo doméstico. Na medida das possibilidades de cada família, que permitirão um maior ou menor prolongamento do descompromisso da criança a seu respeito, a escola será priorizada em seu lugar. A escolarização abre, portanto um espaço ao indivíduo, à sua formação pessoal e a expectativas de um futuro melhor para si, que seria impensável em outros tempos. O *futuro melhor* é pensado basicamente no sentido de se conseguir *serviços mais leves*, que se tornam possíveis através de *bons empregos* (p.332 e 333).

O que significa então, dispensar os adolescentes do trabalho e investir na educação deles? O que se identificou tanto nas falas dos pais quanto nas dos adolescentes foi a valorização dos estudos como forma de atingir certa ascensão social. Essas percepções sobre educação advêm de experiências passadas vividas pelos pais e que são refletidas de alguma forma na percepção dos adolescentes, por meio da educação familiar que tiveram.

Os dados das entrevistas revelaram uma dimensão de futuro associada à representação dos jovens sobre a educação. Ou seja, os adolescentes e suas famílias associam o estudo como um elemento facilitador da ascensão social, seja essa mobilidade social garantida por meio de um melhor emprego ou profissão, seja assegurada por elementos abstratos como “ser alguém na vida”, provavelmente associada ao sucesso financeiro (OLIVEIRA, 2001).

Neste sentido, a escola e os elementos que a constituem, são objetos de representação fixados no plano da liberdade e do saber. Portanto, pode-se afirmar que os adolescentes e suas famílias atribuem alguns sentidos à instituição escolar e também algumas funções, neste caso, “(...) a escola parece ter o poder de libertar, possibilitando um melhor futuro; deve cumprir o papel de instância de saber, o que a vincula às possibilidades e impossibilidade de ascensão social de crianças e adolescentes” (OLIVEIRA, 2001, p. 251).

A necessidade de trabalhar

Notou-se ao longo da pesquisa que as expectativas dos pais com relação ao estudo e futuro profissional de seus filhos, se voltam para a finalização do Ensino Médio liberando os adolescentes do trabalho. Mesmo assim, alguns jovens optaram por trabalhar e estudar ao mesmo tempo ou abandonar os estudos e somente trabalhar. Então, por que trabalhar se os adolescentes podem somente estudar?

As expectativas e atitudes com relação ao trabalho, emprego e desemprego são dimensões de referências culturais entre os jovens. Considerando que o modelo cultural da sociedade industrial se caracteriza pela centralidade na ética do trabalho e que o mercado de trabalho é o campo onde se exercem coerções materiais e simbólicas dos indivíduos; a experiência ou in experiência do mercado de trabalho constitui momento decisivo da redefinição identitária dos jovens (BAJOIT & FRANSSEN, 2007).

Guimarães (2005) questiona o motivo dos jovens trabalharem: “Qual seria o legado subjetivo do trabalho ou o que dele parece retirar o jovem trabalhador brasileiro?” Para tal, os jovens participantes da pesquisa realizada pelo Projeto Juventude (ABRAMO, 2005) escolheram associar uma de cinco palavras à idéia de trabalho, na sequência escolhidas: necessidade, independência, crescimento, auto-realização e exploração.

Nas entrevistas, os jovens tratados neste *paper* confirmaram os dados estatísticos do Projeto Juventude, revelando que a busca por um trabalho se dá como forma de (i) ganharem o próprio dinheiro e com isso satisfazerem suas vontades; (ii) já se sentirem adultos e precisarem de certa independência; e (iii)

para ajudar as famílias. A seguir alguns trechos revelam estes aspectos que ajudam a compreender o motivo dos adolescentes irem em busca de um emprego mesmo sem terem finalizado os estudos.

Pra não ficar sem dinheiro. (...) [Com o dinheiro] Compro roupa, coisas pra mim, também saio para as “baladas” (Luciano, 17 anos, filho de Rose e Cláudio, segunda entrevista)

Ah, chega uma idade que não fica tão bem ficar pedindo dinheiro para o pai. (...) Porque já está adulto, já tem idade pra trabalhar. Ficar pedindo dinheiro para o pai fica estranho! (José Roberto, 16 anos, filho de Vitória Maria e Alberto, segunda entrevista)

Bom, da parte de eu ter ganhado dinheiro trabalhando eu acho bom, mas hoje em dia eu não gosto muito de ficar pedindo dinheiro para os meus pais, porque eu acho que já está na hora de eu ganhar certa independência. Sair debaixo das asas dos pais, começar a arrumar meu serviço, começar a trabalhar, ter o meu próprio dinheiro, lutar pra conseguir o que eu quero. (...) Tem necessidade de ajudar em casa também porque nos dias de hoje é preciso ajudar em casa, principalmente agora que estamos com alguns problemas, eu estou sentindo que eu preciso ajudar em casa, até pelo fato de estar maior, mais crescido, ter uma idade maior, eu me sinto na responsabilidade de também ajudar meu pai e minha mãe (Fábio, 16 anos, filho de Dalva e Nilton, segunda entrevista).

Apesar de essas terem sido as três justificativas que apareceram nas falas dos adolescentes para a decisão de iniciar-se ao trabalho, o aspecto mais predominante em suas falas foi o consumo. Todos os adolescentes se referiram ao consumo como principal motivo para trabalharem.

Para estes adolescentes o trabalho significa uma atividade que visa produzir riquezas e realizações materiais. Além disso, a questão do trabalho vem associada a uma determinada ordem social, distinta em duas dimensões principais: (i) o conteúdo moral, em que a busca pela independência e autonomização são os pontos mais fortes, além da vadiagem; e (ii) uma dimensão de necessidade, onde o trabalho é tomado como gerador das possibilidades de sobrevivência.

Outro aspecto importante verificado ao longo das entrevistas foi certa ambigüidade com relação às falas dos pais quando demonstram a importância do trabalho na vida do adolescente. Embora os pais dos adolescentes afirmem

que gostariam que seus filhos terminassem o Ensino Médio para só então começarem a trabalhar, são esses mesmos pais ou familiares em geral que incentivam e buscam maneiras de seus filhos ou parentes iniciarem um trabalho. A seguir, trechos das entrevistas com os adolescentes exemplificam isso:

A: Quando você começou a trabalhar?

J. P.: Comecei a trabalhar com 14 anos.

A: O que você fazia?

J. P.: Comecei como servente de pedreiro, depois passei para a pintura e agora eu estou trabalhando no mercado.

A: Como você conseguiu um emprego com 14 anos de idade?

J. P.: Com meus tios.

A: O que eles faziam?

J. P.: Meus tios são mestre de obra, e eu comecei trabalhando com um e depois passei para o outro.

A: E como foi isso? Você pediu? Eles te convidaram?

J. P.: Não, eles me convidaram para trabalhar. Eu ficava em casa sem fazer nada e eles chamaram. Como eu não tinha nada para fazer, fui (João Paulo, 18 anos, filho de Neusa, segunda entrevista).

A: Você trabalha há quanto tempo nesse sítio?

W: No sítio vai fazer um ano.

A: Como você conseguiu o emprego no sítio?

W: Através do meu pai. Meu pai já morou no sítio. Então, quando eu vim pra Campinas, fiquei na casa do meu pai e fiquei sabendo do sítio. Foi quando ele arrumou esse emprego pra mim.

A: Por que seu pai arrumou esse emprego?

W: Porque eu estava desempregado e também porque os outros serviços que ele trabalhava e que eu ajudava era muito pesado, e não tinha idade pra fazer esse trabalho pesado (Wesley, 17 anos, filho de Edvaldo e enteado de Silvia, segunda entrevista).

A: Você disse que arrumava dinheiro com alguns trabalhos que você fazia. Que trabalhos eram esses?

F: Algumas vezes eu trabalhava com o meu pai, ele falava: “vamo, vamo trabalhar comigo”. Com o meu tio também eu trabalhava às vezes. O trabalho com a minha família foram todos relacionados com obra e construção. Também fiz alguns trabalhos para o mercado, ajudando eles a entregar panfleto. Mas só às vezes assim, quando eu precisava de dinheiro para alguma coisa e eu procurava meus pais e eles não tinham, eu ia atrás pra ver se eu conseguia aquele dinheiro.

A: Quanto você ganhava nesses trabalhos?

F: Olha, com o meu pai e com o meu tio, eles me pagavam por dia a diária de um ajudante normal que era R\$ 35,00 a diária. E no mercado eu ganhava acho que era R\$ 30,00 por dia para entregar panfleto o dia inteiro (Fábio, 16 anos, filho de Dalva e Nilton, segunda entrevista).

Na maior parte dos serviços/trabalhos conseguidos a partir de familiares, o aprendizado se faz na prática e sem contrato formal. Os adolescentes recebem uma remuneração, o que eles e os pais apreciam, mas não recebem uma “verdadeira” formação profissional⁴; além disso, efetuam tarefas subalternas e as consideradas mais “fáceis”.

No caso dos adolescentes desta pesquisa que já trabalharam, o significado atribuído ao trabalho está diretamente relacionado à definição dada à palavra pela família. Quando questionados sobre o interesse em procurar um trabalho, os adolescentes relataram (i) o incentivo da família para a busca pelo primeiro emprego; (ii) a necessidade sócio-econômica familiar; e (iii) idade própria para trabalhar.

Nesse sentido temos a questão da reprodução e continuidade ou transformação das condições familiares. Essa questão é fundamental para se compreender como os filhos constroem suas percepções de trabalho e se estas estão relacionadas às experiências de seus pais, ou seja, filhos de pais que trabalharam na infância também entrarão no mercado de trabalho precocemente? Além disso, a condição sócio-econômica de famílias de baixa renda tende a um ciclo geracional? Conforme propõe os autores Castro e Castro (2002):

(...) o trabalho precoce é causa de transmissão de pobreza entre gerações, por gerar um ciclo vicioso: a pobreza atua como causa do trabalho precoce e este, por sua vez, constitui uma das causas da pobreza futura, uma vez que o trabalho precoce muitas vezes é incompatível com os estudos, e, a relação entre rendimentos futuros e grau de escolaridade está intimamente relacionada (p. 75).

Seguindo essa mesma linha, outros autores afirmam que muitas das crianças exploradas no trabalho são filhos de pais que também passaram por esta situação e não conseguiram interromper o círculo vicioso (NETO, NEVES & JAYME, 2002).

No caso das nove famílias entrevistadas nesta pesquisa, pode-se perceber uma melhora na condição de vida dessas pessoas. Considerando três gerações, avós, pais e filhos, sendo a trajetória dos avós narradas pelos pais,

⁴ Formação profissional no sentido de a teoria estar associada à prática e não somente a prática pela prática.

percebeu-se que o nível de escolaridade aumentou entre as gerações. Pelos dados das entrevistas não conseguiu-se saber se houve um aumento na renda dessas pessoas, porém, os dados revelaram que, para os pais entrevistados, a vida atual é muito melhor que a que seus pais tiveram:

Eu acho que o poder aquisitivo está melhor agora. É mais fácil conseguir as coisas do que antigamente (Madalena, 37 anos, professora, mãe de Gustavo).

A minha vida está boa. (...) Melhorou um pouco (Nilza, 39 anos, doméstica, mãe de Tiago).

Eu acredito que melhorou (Cláudio, 41 anos, mecânico de autos, pai de Luciano).

Eu acredito que hoje eu esteja um pouco melhor, porque naquela época era só o pai que trabalhava. Assim, ele trabalhava em firma e como a gente cultivava pra nós, o número de filhos era maior, a minha mãe não trabalhava, só fazia o serviço doméstico. Agora hoje eu trabalho, a minha esposa trabalha e o número de dependentes é menor. Então, eu acredito que hoje esteja melhor sim (Nailton, 36 anos, entregador de hortifruti, pai de Gustavo).

A percepção de melhoria de sua condição em relação a de seus pais se dá principalmente ao acesso a bens materiais e a conquistas próprias por meio de esforço pessoal. Com relação aos adolescentes essa percepção ainda não está muito bem definida, isso porque ainda dependem de seus pais financeiramente.

Por fim pode-se afirmar que as percepções sobre o trabalho se apóiam em valores dados a ele (seja na ética, seja na necessidade) e em padrões de interpretar o significado do seu resultado (seja como provedor, seja como produtor de independência, crescimento ou auto-realização). Contudo, tem-se uma pluralidade de significados sobre os trabalhos produzidos no meio dos diferentes grupos, variando conforme as experiências familiares e círculo de amizades.

Trabalhar ou estudar? Eis a questão

Os determinantes fundamentais, a lógica de inserção do adolescente no trabalho e o significado de trabalho para os adolescentes, dizem respeito tanto aos momentos que compõem o cotidiano do adolescente, como a família, a escola, o trabalho e o lazer, quanto aos fenômenos sociais mais abrangentes relacionados ao trabalho precoce, como por exemplo, a pobreza, o consumismo etc.

A seguir alguns trechos das entrevistas feitas com os pais demonstram que apesar de eles quererem que os filhos se dediquem exclusivamente aos estudos, também se preocupam com a importância de se trabalhar visando experiência, amadurecimento, valorização etc.

Nailton (36 anos, entregador de hortifruti, pai de Gustavo) espera que seu filho faça uma boa faculdade, de acordo com o gosto dele, e que seja bem sucedido. Para Nailton, Gustavo deve começar a trabalhar quando estiver “pronto”, inclusive gostaria que ele começasse a trabalhar somente depois que concluísse a faculdade. Para isso, Nailton espera ter condições para poder “banciar” os estudos do Gustavo. Apesar de ser a favor de que as pessoas trabalhem e estudem, disse que por ser pai, “morre de medo” de deixar o filho estudar a noite, devido à violência dos dias de hoje. Ele acredita que as pessoas devem começar a trabalhar após terminar a faculdade, porém acha interessante a proposta da “guardinha”, desde que cumpra com o ensino escolar. Ele acha que trabalhar e estudar é um pouco difícil, principalmente em determinados tipos de trabalho, mas é possível sim.

Cleusa (47 anos, esposa de Adoniram e mãe de Vanessa) acredita que o estudo é o único bem que os pais podem “investir” nos filhos, porque é a base do ser humano. Afirmou que quando era pequena, o estudo até a quarta série era o suficiente para uma pessoa viver, mas hoje o mundo está mais exigente. Afirmo que aquilo que uma pessoa aprende, ninguém “tira” dela. A pessoa que estuda aprende a viver socialmente e a “manter” um bom futuro. Entende que o estudo é um importante complemento do ser humano e que 16 anos de idade é uma boa idade para se começar a trabalhar além de ser possível uma pessoa estudar e trabalhar, por mais difícil que seja.

Dentre as entrevistas houve casos em que os pais gostariam que seus filhos só começassem a trabalhar depois que concluíssem um curso superior. Outros, porém, acreditam que os filhos deveriam estudar e trabalhar ao mesmo tempo, com o intuito de irem se “acostumando” com a vida laboriosa, para quando ficarem adultos, terem “ânimo” para trabalhar.

Os pais acreditam ser importante o trabalho na vida dos adolescentes como forma de ajudarem financeiramente em casa. Nilza (39 anos, doméstica, esposa de Sebastião, mãe de Tiago) acredita que por volta dos 16 anos de idade seja uma boa idade para começar a trabalhar. Porém, acha que a pessoa deve trabalhar e estudar ao mesmo tempo, e que é possível conciliar os dois, apesar de ser cansativo, já há muitas pessoas que fazem isso. Nilza também acredita que ao começar a trabalhar os filhos devam ajudar financeiramente em casa, sempre quando os pais precisarem. Nilza disse que se Tiago quiser trabalhar antes dos 16 anos de idade, não irá “segurar” ele, porque se ele quer ter um dinheiro para ele e o futuro é dele não teria problemas.

Os pais também vêem o trabalho como um aprendizado, no sentido de os adolescentes compreenderem o “sacrifício” que é conquistar o que desejam, principalmente com relação a adquirir bens de consumo.

Outra preocupação dos pais que recai sobre a importância de se trabalhar na adolescência é a tentativa de se evitar a vadiagem juvenil. Dalva (44 anos, auxiliar administrativo, esposa de Nilton, mãe de Fábio) acredita ser muito importante estudar, principalmente pelo convívio com as outras pessoas. “A pessoa mais culta é mais fácil de se conviver” porque é uma pessoa que “entende mais as coisas” e não é tão “ignorante”. Uma pessoa que é “menos culta” é mais difícil “entrar as idéias na cabeça”. Além disso, o estudo é bom para “arrumar” um “emprego melhor”. Por outro lado, ela acredita que as pessoas deveriam começar a trabalhar o mais cedo possível, porque ao trabalhar a pessoa se sente “valorizada” e “útil”. Além disso, o trabalho “ocupa a mente da pessoa” para não ir para a “malandragem”. Para ela, aos 15 e 16 anos de idade, “já dá para encarar em trabalho”. Porém, não deve parar os estudos. Ela acredita que é possível conciliar os dois até certo tempo, porque “quando chega para o mais pesado, para uma faculdade”, fica meio difícil para a pessoa trabalhar e estudar.

Pode-se afirmar então, que a decisão de trabalhar e estudar está vinculada (i) às percepções que os pais dos adolescentes tem sobre trabalho e juventude; (ii) às necessidades da vida familiar enquanto ajuda financeira; e (iii) às percepções dos adolescentes sobre a entrada no mundo do trabalho. Desta forma, além da necessidade de aumentar a renda, o trabalho dos jovens é valorizado pelas famílias pelo seu potencial socializador, uma vez que, em tese, mantém os jovens ocupados e, portanto “longe dos riscos e descaminhos” da vivência na rua, como as drogas e a criminalidade.

Para estes pais, o trabalho contribui também para a formação ética e para o desenvolvimento de valores de responsabilidade e de solidariedade. A família compreende que a escola também cumpre papel protetor, por manter os filhos em local seguro. Por isso, para essas famílias, trabalho e escola não são excludentes (LACHTIM & SOARES, 2009).

Trajetórias juvenis: continuidades ou mudanças?

A partir da pesquisa realizada com adolescentes e suas famílias, pode-se afirmar que as representações sociais são indispensáveis para a compreensão da dinâmica social. Para esta pesquisa foi fundamental compreender como os adolescentes constroem suas percepções de trabalho, para entender de que forma isso influencia seu modo de pensar e planejar o futuro.

O resultado principal foi a constatação de mudança com relação a escolarização entre as gerações investigadas e permanência com relação a entrada precoce dos adolescentes entrevistados no mercado de trabalho. A partir do relato de histórias de vida dos pais, foi possível perceber que suas experiências educacionais e trabalhistas ao longo do tempo colaboraram para a construção das percepções e reflexões acerca da educação e trabalho por parte dos jovens, num processo de transmissão de recursos materiais e simbólicos.

Restou evidenciado que a dinâmica social envolve aspectos informativos e explicativos da natureza das ligações sociais, intra e intergrupos, e das relações dos indivíduos com seu ambiente social, tornando-se assim um elemento essencial para a compreensão dos determinantes dos

comportamentos e das práticas sociais, conforme proposto por Abric (1994), citado por Oliveira (2001).

Os adolescentes participantes dessa pesquisa atribuem sentidos bem claros a cada objeto analisado e associam a eles diferentes funções: se o trabalho parece funcionar como um mecanismo de legitimação de valores sociais, como a responsabilidade, a maturidade, a ocupação etc.; a escola parece ter o poder de libertar assegurando um futuro diferente daquele da família de origem, e ambos estão intimamente ligados às possibilidades ou impossibilidades de um futuro voltado para uma ascensão sócio-econômica, como explicitado a seguir:

(...) uma crença na escola como instituição capaz de transferir saber e de possibilitar um melhor futuro para crianças e adolescentes; e o trabalho como uma forma de reprodução de desigualdades na medida em que se impõe pela necessidade econômica das famílias e de valores sociais hegemônicos incorporados pelos jovens quando o associam a um valor moral (OLIVEIRA, 2001, p.257).

A maioria dos adolescentes apresentava defasagem escolar e os que trabalhavam, demonstraram dificuldades para conciliar trabalho e estudo.

A pesquisa mostrou adolescentes expostos à exploração do trabalho, tanto com relação à remuneração e a condições de trabalho, quanto aos mecanismos sociais de proteção, ou seja, os adolescentes que trabalhavam durante o dia e estudavam à noite encontravam-se expostos a condições de trabalho tão perversas quanto a de seus pais.

A vida escolar encontrava-se prejudicada tanto pelo desgaste advindo do trabalho, quanto da formação escolar nada estimulante. A descrença e a decepção dos alunos em relação à escola pareceram ser responsáveis por afastar cada vez mais os jovens da possibilidade de aperfeiçoar a educação formal (BAJOIT & FRANSSEN, 2007).

Percebeu-se também que, embora os adolescentes tivessem mais anos de estudo que seus pais, estes já estavam exercendo ocupações similares a deles. Que de acordo com BAJAIT & FRANSSEN (2007) torna-se um fenômeno conhecido como regressão inter-geracional.

Contudo, ainda há necessidade de avançar no estudo empírico das fontes de explicação dessas diferenças de entendimentos e representações, reconhecendo o peso dos determinantes sociais que continuam a influenciar o acesso e a natureza da sua relação com o trabalho e, assim, compreender as diversas formas de viver a juventude e o próprio percurso profissional.

Referência Bibliográfica

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro paulo Martoni (2005). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

BAJOIT, Guy; e FRANSSEN, Abraham. (2007). **O trabalho, busca de sentido**. In: **Juventude e Contemporaneidade**. – Brasília : UNESCO, MEC, ANPEd.

BOURDIEU, Pierre (1998). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes.

BOURDIEU, Pierre (1983). **A juventude é apenas uma palavra**. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Trad. Jeni Vaitsmen. Rio de Janeiro: Marco Zero.

BRUNER, J. (1997). **Atos de Significação**. Porto Alegre: Artes Médicas.

COHEN, A. P. (1995). **The Symbolic Construction of Community**. New York: Routledge.

D'AVILA, José Luis Piôto (1998). **Trajetória escolar: Investimento familiar e determinação de classe**. *Educ. Soc.* [online]. vol.19, n.62 [cited 2010-04-14], pp. 31-63. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000100003&lng=en&nrm=iso>.ISSN 0101-7330. doi: 10.1590/S0101-73301998000100003.

DUBAR, Claude (1998). **Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos**. *Educ. Soc.* [online]. vol.19, n.62, pp. 13-30. ISSN 0101-7330. doi: 10.1590/S0101-73301998000100002.

GIDDENS, A. (1991). **Modernity and Self-Identity**. Oxford: Blackwell Publishers.

GUIMARÃES, Nadya Araujo (2005). Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

- LACHTIM, Sheila Aparecida Ferreira e SOARES, Cássia Baldini (2009). **Trabalho de jovens estudantes de uma escola pública: fortalecimento ou desgaste?**. *Rev. bras. enferm.* [online]. vol.62, n.2, pp. 179-186. ISSN 0034-7167.
- LAHIRE, Bernard (1997). **Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável**. São Paulo: Ática.
- LINHARES, Elizabeth Ferreira (2004). **Entre escravos e anjos: condições e significados da infância em um assentamento rural fluminense**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PPGSA.
- MANNHEIM, K. **Das problem der generationen**. In: *Wissenssoziologie*. Berlin: Herman Luchtearhand, 1928.
- OLIVEIRA, Denize Cristina de, et al. (2001) **Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes**. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. vol.6, n.2, pp. 245-258. ISSN 1413-294X.
- PASTORE, José; SILVA, Nelson do Valle (2000). **Mobilidade Social no Brasil**. São Paulo: Makron Books.
- PERALVA, Angelina (1997). **O jovem como modelo cultural**. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5-6, mai./dez., especial sobre Juventude e Contemporaneidade.
- SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos (2005) **O papel da família e dos pares na escolha profissional**. *Psicol. estud.* [online]. vol.10, n.1, pp. 57-66. ISSN 1413-7372. doi: 10.1590/S1413-73722005000100008.
- SZYMANSKI, Heloisa (2006). **Práticas educativas familiares e o sentido da constituição identitária**. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. vol.16, n.33, pp. 81-90. ISSN 0103-863X. doi: 10.1590/S0103-863X2006000100011.
- TOMIZAKI, Kimi Aparecida (2010). **Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional**. *Educ. Soc.* [online], vol.31, n.111, pp. 327-346. ISSN 0101-7330.